

ENTREVISTA COM O PROF. CARLOS AUGUSTO DE FIGUEIREDO MONTEIRO*

GEOSUL - Dentro dos aspectos que chamaram a atenção em sua entrevista passada (GEOSUL nº 4) encontra-se aquele de suas referências à personalidades da Geografia com os quais conviveu. Alguns deles como José Veríssimo são desconhecidos, são praticamente desconhecidos hoje. O próprio Ruellan, que teve grande influência no Rio de Janeiro, conhece-se muito pouco. Gostaria de retomar o assunto agora neste novo encontro?

CAFM - Encontro-me entre aqueles que consideram a obra inseparável do autor. Têm-me chamado a atenção pelo caráter peculiarmente "pessoal" com que me tenho exposto, não em entrevistas, mas nos memoriais, acadêmicos e até mesmo, na escritura de meus últimos trabalhos. O fato de escrevê-los na primeira pessoa e eiva-los de referências e anedotas "pessoais". É exato. Tenho procedido assim. Deliberadamente. Ocorre-me a posição do epistemólogo Paul

*Participaram dessa entrevista os professores Armen Mamigonian, Maria Doles Buss e Maria Lurdes Sezerino.

Feyerabend que estabelece um jocoso paralelo entre o modo de exprimir-se "cientificamente" os sexólogos americanos Master & Johnson - no antipático cientificismo de hoje - e Galileu Galilei onde sua ciência era comunicada de um modo muito humano e pessoal.

Não desejo colocar-me ao nível de Galileu, mas realmente abomino o outro modelo. Sempre tive a preocupação em documentar o que faço na minha vida acadêmica. Tenho sistematicamente feito relatórios anuais. Muito mais para mim mesmo, para uma posterior auto-reflexão, do que para obedecer a uma postura burocrática. Neste caso é um documento que, quando se exige, ninguém lê. Costumo também guardar cartas de colegas geógrafos, bilhetes, etc.

A Revista Brasileira de Geografia teve, ao longo de muitos números, uma secção chamada "Vultos da Geografia do Brasil" que registrou aspectos sumários da primeira geração de nossos geógrafos. O passar do tempo promove uma triagem, passa por uma espécie de peneira, onde ficam aqueles que "marcaram sua passagem". Mas para o nosso caso cultural, onde a memória preocupa muito pouco, cometem-se, por vezes injustiças. Eu guardo, com muito carinho, todos aqueles que me influenciaram e, sempre que possível, proclamo a sua importância. E o mais grave é quando se adultera ou distorce uma imagem. É por isso que, embora sem pretensão a vir a ser um "vulto" da Geografia tenho o cuidado de registrar o que tenho feito. Ao lado da nossa "obra" o registro de sua fatura parece-me importante. Não agora nesta entrevista mas, se tiver tempo e ocasião, pretendendo deixar o registro do meu contacto com geógrafos nacionais, e do exterior, com os quais tenho convivido.

GEOSUL - Outro aspecto de sua entrevista que gostaríamos de retomar seria aquele de sua produção no campo da Climatologia, o campo onde, parece, sua contribuição foi mais ampla. Entre o seu primeiro artigo, sobre o Clima do Centro Oeste e agora há uma longa caminhada. Quais as fases ou períodos que poderiam caracterizá-la?

CAFM - Esta pergunta é muito pertinente e é tão importante para mim que já acabei de dar a ela uma longa resposta. Entre 1986 e 1989, com muitas interrupções produzi um trabalho ao qual intitulei CLIMA E EXCEPCIONALISMO, onde passo em revista todo o meu proceder no campo da climatologia como parte central da minha produção de geógrafo. A necessária autocrítica, os esclarecimentos cabíveis e alguns bem necessários, ante alguma deturpação que já está aparecendo. Fiz uma edição preliminar de quinze exemplares que distribuí entre instituições e ex-colaboradores. A Editora desta Universidade, acolheu esta obra que deve estar no prelo. Não sei se ela despertará interesse que justifique os gastos pois imagino que os aspectos ditos "físicos" da Geografia estão, entre nós, um tanto relegados. Ficou faltando ali a consideração da parte referente a "clima urbano".

GEOSUL - Exatamente por sabermos disso é que este número ofereceu o seu espaço para que fosse preenchida esta lacuna. Gostaríamos que nos falasse sobre esta temática, sua importância hoje no mundo e suas possibilidades no Brasil.

CAFM - Quando escrevi a Teoria e Clima Urbano em 1975, inseri a informação obtida em Roads Murphy (1973) segundo o qual o tema mais recorrente entre os geógrafos ingleses e americanos era aquele do "Urbanismo, superurbanização e as conseqüências negativas dos modernos modelos ocidentais de urbanização". A importância da urbanização ao longo desses dezoito anos deve confirmar a importância da temática interna na geografia de hoje, não só nos países de língua inglesa mas no mundo. Entre nós parece bem patente esta suposição. Contudo, as abordagens, sócio-econômicas do urbano, suplantam, de muito, aquelas relativas à qualidade ambiental. E o estudo dos "climas urbanos" é uma imposição a estes estudos.

Em todos os continentes já se praticam estes estudos que, naturalmente culminam nos centros do mundo ocidental - Europa e América do Norte. A bibliografia que se dispõe já

é copiosa, salvo nos países tropicais em desenvolvimento. Isto motivou a WMO a realizar uma de suas conferências técnicas (México, novembro de 1984) com foco especial nas áreas tropicais. A convite de Tim Oke compareci aquele evento levando um balanço da contribuição brasileira ao referido tema.

Era muito pouco. Desde 1972 quando lancei na USP a disciplina "Climatologia Urbana" na Pós-Graduação no Departamento de Geografia, até 1984 a produção era muito restrita. Embora florescendo no Rio Grande do Sul, a grande maioria dos poucos trabalhos estava ligada à produção do Laboratório de Climatologia da USP, sob nossa direção. Logo após a conferência do México, a colega Magda Lombardo lançou sua tese sobre a Ilha de Calor em São Paulo. O sucesso desta obra pode se atestar pela importância e necessidade da temática.

Nosso trabalho, inicialmente, despertou maior interesse e acolhida entre arquitetos, urbanistas e paisagistas. George Wilhelm, honrou-me assistindo, por todo um semestre, um daqueles cursos. Com o arquiteto-urbanista Joaquim Guedes tive ensejo de colaborar em alguns dos seus projetos de implantação de novas cidades (Barcarena, no Pará, por exemplo). Com a arquiteta-paisagista Rosa Klüss tive a colaboração mais longa e mais variada nesta experiência "ambiental". Dei cursos sobre clima urbano no Instituto de Arquitetos do Brasil, seção de São Paulo, (1974-1975) e na Sociedade Brasileira de Arquitetos Paisagistas.

Embora se tratando de uma pesquisa difícil e dispendiosa, creio que no presente momento há um despertar para a importância da temática e interesse em pesquisá-lo. No dia 28 de março deste ano recebi um telefonema de uma colega, professora do Depto. de Geografia da Universidade de Mato Grosso (Professora Zilda, se não me engano) consultando-me sobre a possibilidade de ministrar um curso ou orientar uma pesquisa aplicada à Cuiabá. Além de minha agenda estar cheia para o resto do ano, disse-lhe que já encerrei minha tarefa na vida acadêmica, e sugeri-lhe contactar os colegas do Depto. de Geografia da USP. Disse-me

ela que o seu interesse lhe fora despertado por haver visto os resultados das sondagens da ilha de calor nas cidades paraibanas de Patos e Campina Grande. Os colegas japoneses da Universidade de Tsukuba, os quais acompanhei em sua missão de pesquisa pelo Nordeste em agosto-setembro de 1986, incluíram o meu nome entre os autores daquele trabalho preliminar publicado no Latin American Studies, daquela universidade. Eu era apenas, o observador do CNPq junto àquela missão científica estrangeira, e apenas ajudei nos trabalhos de campo. Vê-se, assim, que, à medida que os resultados são divulgados, aumenta o interesse no tema.

GEOSUL - Exatamente por isso este número da GEOSUL quer contribuir para incremento desses estudos entre nós. Fale-nos sobre o conteúdo aqui apresentado e suas expectativas sobre a repercussão que poderá ter.

CAFM - Com êsse número fico em grande débito de gratidão à GEOSUL e a vocês pelas oportunidades que me abriram. De um lado para que eu pudesse "concluir" a minha trajetória acadêmica na pesquisa climatológica. Por outro para que, ao terminar minha atividade de investigação neste setor, abra possibilidades a outros de se incrementarem. Nesse sentido esta pequena coletânea assume aspectos de um "chamamento" e, com o comprovante de um real interesse que me vem sendo demonstrado, realmente espero que ele venha a preencher um papel de utilidade. Sinceramente acho que este número da GEOSUL, dedicado à climatologia urbana, pode despertar um interesse bem maior do que o meu CLIMA E EXCEPCIONALISMO.

Com o risco de que se veja aqui, neste número, um "festival" Carlos Augusto. Mas a esta altura da vida, pouco se me dá. Tenho certeza de que, ao longo de toda a minha trajetória acadêmica fui muito honesto e nada, absolutamente nada "cabotino". Agora, no final, posso dar-me a uma prática que sempre desprezei. Mas se ela é a maneira usual e eficiente, vamos a ela!

Estão aqui reunidos quatro artigos que, embora escritos em momentos, circunstâncias e motivações diversas, ao longo dos quatro últimos anos, estou seguro de que, malgrado, eventuais superposições, há uma seqüência lógica para nossas necessidades e uma certa "unidade" de pensamento. O meu *TEORIA E CLIMA URBANO*, além de procurar ser um quadro de referência teórico-metodológico, procurou traçar um "programa" de pesquisa do qual foi executado muito pouco. Com senso de realismo começamos por problemas mais exequíveis. Eu próprio e um dos meus orientandos (Wanda Paschoal) atacamos o problema de impacto pluvial concentrado e inundações na metrópole de São Paulo.

A importância do tema requer um "ataque" mais decisivo. Daí a necessidade de fomentar o interesse. O resultado do trabalho de Magda Lombardo foi obtido mediante um certo nível de sofisticação de recursos que, infelizmente, está longe da maioria dos geógrafos. Pareceu-me que valia a pena partir de uma via mais simples. O primeiro artigo - uma palestra proferida em evento promovido pela CETESB (SP) - é o lançamento desta "conclamação". O segundo expõe os resultados - modestos mas esclarecedores - da aplicação desta postura à cidade de Florianópolis. Graças ao esforço dos colegas catarinenses com quem compartilho o artigo, foi possível executar valiosos experimentos, onde, problemas e mesmo erros, podem esclarecer bem a natureza complexa do trabalho de campo em clima urbano.

O terceiro foi produzido sob forte motivação e visando atender a duas direções. De um lado, eu estava muito preocupado com o anseio dos alunos de pós-graduação (aqui no Departamento) em obter "receitas" prontas para aviar na produção de *RIMAS*. Isto na disciplina "Análise da Qualidade Ambiental" que, nos últimos anos ministrei aqui. Por outro lado ele visava esclarecer a um orientando, inseguro de suas técnicas de análise de campo, a relatividade entre técnica a serviço de um dado método. O quarto e derradeiro, visou estabelecer um vínculo de ligação entre os demais e sobretudo abordar um aspecto que me parece da maior importância na colaboração do geógrafo nos estudos

de clima urbano. Em sua brilhante síntese sobre os aspectos legalizados pelos estudos de climas urbanos Landsberg admitia que "o desenvolvimento urbano tende a acentuar ou eliminar as diferenças causadas (no clima) pela posição ou sítio". Aqui está um dos aspectos mais pertinentes ao estudo dos climas nas cidades tropicais. Parece-me que se deve ter um foco especial nas relações de porte e funções urbanas com a morfologia do sítio sobre o qual se implanta a cidade. Em suma, as relações "escalares" são um problema de base no estudo da climatologia urbana. E isto eu procurei enfatizar no quarto artigo. Além disto tentei abordar o delicado e difícil tópicio das relações interdisciplinares no inegável contexto multidisciplinar que é o fato urbano.

Embora nossa vida universitária não promova um maior contacto, isso não é difícil de estabelecer na prática. Eu posso depor sobre uma relação muito proveitosa que manteve - a nível de aplicação ao planejamento - com arquitetos, urbanistas e paisagistas em torno do clima ("ambiental" e "urbano"). Quis também deixar claro o grande hiato que se verifica nas relações escalares entre a região e o edifício.

Desse conjunto espero ter promovido um esclarecimento sobre a posição "profissional" de geógrafo nos domínios da investigação dos climas urbanos. Muito longe de qualquer pretensão (descabida) de "corporativismo", acho que o campo multidisciplinar da cidade serve bem a demonstrar a necessidade de integração "interdisciplinar" no estudo do clima urbano. Parece-me cristalina a divisão de tarefas que se poderá pretender ou sugerir. Entre o meteorologista preocupado com a atmosfera sobre a cidade e as anomalias que esta produz naquela, e o arquiteto (urbanista-paisagista) com o "conforto" na cidade (edificação ou casa e jardim) o geógrafo pode atuar na interfície que é exatamente o dinamismo urbano, nas relações entre as diferentes escalas, para o entendimento dos processos climáticos **intra-urbanos**.

Lembraria ainda que atualmente, no exterior, há um evi-

dente, concreto e proveitoso esforço de promover este encontro interdisciplinar em torno da cidade. No ano de 1986 a missão que desempenhei para o CNPq, acompanhando a equipe da Universidade de Tsukuba ao Nordeste, além de me ter impedido de participar da reunião da comissão da GIC ("Geographical Monitoring and Ivrecasting", sucessora da "Environmental Problems", as quais acompanhei anualmente desde 1976) em Barcelona, privou-me da oportunidade de assistir também ao 3º Simpósio Internacional do Standing Committee - Urban and Building Climatology sob o tema "Climate-Building-Housing", realizado em Karlshue, República Federal da Alemanha, entre 22 e 26 de setembro daquele mesmo ano. O presidente do evento foi o Professor Arich Bitan do Departamento de Geografia da Universidade de Tel-Aviv, a quem conheci na Conferência da W.M.O no México em 1984.

Geógrafos, Arquitetos, Meteorologistas e Médicos brasileiros, interessados nos estudos de climatologia urbana, devem tomar conhecimento da INTERNATIONAL FEDERATION FOR HOUSING AND PLANNING (IFHP), a quem está ligado o mencionado Standing Committee. No encontro de Karlshue, uma das seções era "Cooperação de Climatologistas e Arquitetos", além de outra "Climatologia Urbana nos Trópicos", "Bioclimatologia da Cidade" e "Energia e Edificação" completavam as quatro seções daquele evento ao qual não pude comparecer.

GEOSUL - Esta sua idéia de sugerir que se principie os estudos de clima urbano entre nós sugerindo o uso de aparelhagem "singela", ao mesmo tempo que animadora, poderá também ser mal interpretada. Quais as vantagens? Fale-nos mais sobre esta proposta.

CAFM - Este é um ponto capital. Como tudo na vida esta proposta contém seus aspectos negativos, perigosos, ao lado de positivos, vantajosos.

Como elementos perigosos há, claramente dois aspectos. De um lado isto pode induzir a que interprete que há uma

ciência tecnológica e sofisticada dos "ricos" e uma "artesanal" dos sub-desenvolvidos e pobres. De outro, o que seria pior ainda, que esta proposta venha a ser tomada como um sinal de conformismo ou passividade; que não devemos lutar por melhores condições de pesquisa. É óbvio, embora apenas implícito, que esta proposta deve ser tomada como condição provisória, algo que se fará in extremis e cuja adoção, em vez de assentar-se sobre os dois negativos apontados, deve, ao contrário, ser acompanhadas ou norteadas por dois complementos muito positivos. Deve-se considerar que os "primeiros experimentos" para os quais se sugere "singeleza" de aparato técnico são acompanhados de um caráter de treinamento de equipe. A aparelhagem é sensível e, pelo menos para nós, muito cara. Mesmo os aparelhos fabricados no Japão e na Austrália são caros. Para nossa condição seria pouco indicado, ou mesmo falta de bom senso, colocar tal aparelhagem nas mãos de operadores sem experiência. Além disto há outro aspecto mais importante. Devemos reconhecer que no universo da pesquisa científica no nosso País há opções e prioridades de acordo com nosso estágio econômico. Será difícil convencer aos órgãos provedores de recursos que os estudos de "clima urbano" estejam na primeira pauta. Investir em aparelhagem cara para algo que não se avalia bem o alcance, parece não comover facilmente os provedores de recursos. Contudo se os pedidos forem acompanhados de alguns resultados práticos e úteis obtidos com meios "singelos" isto poderá ser visto com outros olhos.

Admiro demais os cientistas que sabem angariar fundos para sua pesquisa. Além de comedido sempre fui muito escrupuloso e tímido ao solicitar ajuda às financiadoras de projeto. Mas admito que é um erro. Hoje em dia, quem quer pesquisar, neste país, além da necessária dose de "cabotinismo" tem que recorrer às técnicas de verdadeiro "marketing" para poder realizar alguma coisa. E aqui, neste meu viés pessoal, vocês encontrarão mais uma das razões que me levaram a decisão de encerrar a minha carreira.

Que os nossos jovens colegas a quem eu me dirijo vejam

bem clara, nesta proposta, a "provisoriiedade" de que ela se reveste. E o melhor exemplo disso pode ser encontrado aqui mesmo neste Departamento. Entre o aparato de mensuração "termo-higrométrica" que utilizamos nos primeiros experimentos em Florianópolis, e aquele que está, agora mesmo, sendo utilizado pela colega Maria Lurdes Sezerino em sua pesquisa, houve uma melhoria enorme. E faço votos que, com os resultados de sua pesquisa, ela possa vir a obter recursos para adquirir aparelhagem do nível aspirado. É uma questão de estratégia para pedir, honestamente, recursos à nossas financiadoras de pesquisa que são sobrecarregadas e muito aquém das necessidades do País.

GEOSUL - É sabido que você manteve uma atividade internacional na Comissão "Problemas Ambientais" na UGI. Quais foram as outras atividades neste nível? Houve alguma atividade internacionalmente ligada à Climatologia Urbana?

CAFM - Em verdade, minha atuação junto a comissão "Problemas Ambientais" da UGI foi, para mim, das mais proveitosas e prolongou-se de 1976 até 1984, já que a referida comissão, tendo sido prorrogada, atuou ao longo de dois períodos de quatro anos. Junto com o Presidente I. Guerasimov fui o único membro a participar de todas as reuniões e simpósios anuais. E continuei atuando como membro naquele que lhe sucedeu: "Geographical Monitoring and Forecast" presidida pelo soviético S. Evtev, onde perdi aquela reunião de Barcelona e da qual, voluntariamente me afastei após a reunião de Camberra em 1988. No Congresso de Sidnei, naquele mesmo ano ela foi prorrogada por mais quatro anos. Fiz parte também, com pouca presença no grupo de trabalho "Tropical Climatology and Human Settlements" presidido por M. Yoshino. As reuniões ocorreram, em maioria, no extremo oriente (China, Sri-Lanka) o que tornava a participação muito dispendiosa. Sempre gosto de tornar claro que nos doze anos em que compareci a estas reuniões anuais, o fiz sempre às minhas custas. Em quatro delas recebi ajudas parciais (ora passagem ora estadia) de agências interna-

cionais: UNEP - Nações Unidas; ou governos dos países sede: México e Espanha. Jamais fiz uma viagem custeada ou com qualquer ajuda de governo ou instituição brasileira. Ouvi, certa vez, uma piada na qual se definia o cientista como sendo "um curioso que tem sua curiosidade financiada pelo Estado". Não me enquadro na categoria. Mesmo reconhecendo que isto seria um direito (ou privilégio?) a que faz jús o cientista, nunca me utilizei dessa prerrogativa. Sou um contribuinte consciente que, ao ver as crianças famintas e desprotegidas nas ruas, tem a tranqüilidade e consciência de nada haver subtraído daquilo que o Estado deveria e este é um legítimo "direito" destinar a elas.

É claro que, no tratamento dos problemas ambientais urbanos houve lugar para discutir problemas de climatologia urbana. Eu mesmo apresentei na reunião de Tóquio o trabalho sobre as enchentes na cidade de São Paulo. Mas, diretamente subordinado à temática, participei da conferência da WMO no México, apresentando um dos "insisted papers". Agora teria a oportunidade de continuar e aprofundar este contato. Na revista que comento neste número de GEOSUL, a "Urban Atmosphere", Bob Borstein teve a gentileza de convidar-me e incluir-me entre os membros do "editorial board", como "South American Editor", honraria essa que eu deverei declinar muito proximamente. O lançamento deste número da GEOSUL parece ser o momento oportuno.

GEOSUL - Com isto fica difícil para nós entender o motivo destas "despedidas". Por que renunciar a uma tarefa onde os papéis de fomentador no âmbito "nacional" e divulgador de nossa produção no exterior, teriam já assentadas suas bases? Poderia esclarecer-nos isto?

CAFM - Esta foi uma decisão bem amadurecida. Aposentei-me como Professor Titular da USP em março de 1987. Nos três últimos anos continuei orientando na sua Pós-Graduação e presutando colaboração paralela aqui na UFSC e em Belo Horizon-

te (UFMG). Este ano que inicia a última década do século resolvi parar. Há uma série longa de razões bem pensadas e ponderadas. Apresentarei apenas as mais decisivas, sendo necessário separar alguns aspectos.

Quanto à docência, sou de opinião que o professor, como o ator, deve saber o momento em que deve deixar a cadeira (e a cena). Teria pavor ante a imagem de vir a tornar-me um Norferatu, arrastando as pernas pelas rampas do prédio da Universidade. Nossa universidade é muito difícil e exige não só tempo, mas dedicação e entusiasmo totais. Num país de pirâmide de idade como o nosso os executivos devem ser jovens. Eu mesmo não voto em nenhum político com mais de cinquenta anos. Não que considere os velhos inúteis. Ao contrário, acho que o seu lastro de experiência é valioso mas acho que a atuação deve ser diferente. Mais nos bastidores. Escrever, por exemplo, é algo que pode ser muito útil. Os bastidores filtram os inconvenientes do contacto direto, que, no caso da nossa universidade vem se tornando penoso. Menos pelo contacto com os alunos, pois é mais difícil lidar com os "colegas" do que com os alunos.

Por outro lado há a outra face da moeda, ou seja, a pesquisa - complemento indispensável da docência. Em entrevista à revista GAIÁ (Ano 1, nº 1, maio de 1989) o filósofo José Arthur Gianotti, cujas opiniões sobre a universidade brasileira de hoje são as mais lúcidas, declara que não é mais possível continuar a **produzir artesanalmente**. Isto é especialmente verdadeiro para o campo da pesquisa. De 1955 a 1987 não fiz outra coisa. Tudo que pude produzir de pretensamente "científico" foi a duras penas, a nível artesanal. Embora eu esteja aconselhando os jovens a principiar os seus "experimentos" neste nível, que é apenas provisório, para demonstração de credenciamento, eu mesmo já cansei disto. Basta. E tampouco tenho forças ou vontade para lutar para esta grande "mudança".

Junte-se a isto uma certa decepção com os meus últimos orientandos. No campo do clima urbano amarguei uma profunda decepção ante o fracasso de um trabalho em que eu depositava as melhores esperanças. Na USP cheguei a ultimar

vinte programas de pós-graduação. Neste semestre espero concluir o meu último programa na titulação de mais um doutor, a juntar-se aos 7 que com os 13 mestrados, farão o total de vinte e um. Número que é menor de um quarto daqueles que me procuraram e, malgrado meus esforços, acabaram desistindo.

Além de muitas outras razões que poderia apontar enfatizo aquela de que, tendo me dedicado do modo mais pleno a Geografia na Universidade, abstive-me de fruir de muitas outras coisas no campo da cultura que, agora, pelo tempo que me restar de vida, acho que mereço aproveitá-las. Literatura, Artes e Filosofia seriam o campo de preferência que, se bem antigas, não tive tempo para dedicar-me a elas e fruir à medida de minha saciedade.

GEOSUL - Se este número de GEOSUL é um apêndice à despedida da climatologia ela encerrará a série? Parece faltar alguma coisa. E a propósito de "geossistemas"? Embora parece ter havido uma convergência universal para este conceito, sabemos que você, aqui no Brasil foi um dos primeiros a aderir a ele. Fale-nos a este respeito.

CAFM - Esta é uma longa estória que procurarei resumir aqui. Desde os meus tempos de Rio Claro, atuando na disciplina de Geografia Física, distribuída pelos três anos da formação, eu procurava ministrar no último ano algo que eu chamava "Geografia física integrada". Isto para, num dado espaço, promover a abordagem não só dos aspectos físicos ou materiais mas, sobretudo, a vinculação com os aspectos humanos. Lembro-me que usei duas regiões contrastantes. O planalto central brasileiro, pois a recente inauguração de Brasília, atraía interesse para lá, era seguido do Morrland sueco. Esta última, além de possibilitar uma visão de problemas glaciares e peri-glaciares (sempre fugi dos temas que não interessavam de perto ao Brasil), servia a relacionar os movimentos eustáticos com o próprio povoamento, pois a oscilação da linha da costa era registrada historicamente.

Por intermédio de um dos nossos alunos, tomei conhecimento do famoso Relatório Belcher sobre a escolha do sítio da nova capital. É um documento importantíssimo que fornecia excelentes elementos geomorfológicos e mesmo biogeográficos os quais eu pude retrabalhar, promovendo, a meu gosto, elementos gráficos de representação. Em minha curta temporada na Universidade de Brasília (1966-67) onde ministrei a disciplina de Geomorfologia para futuros geólogos, retomei o experimento com o Belcher e preparei quadros murais desenhando a articulação das relações entre os diferentes elementos da paisagem.

Ao chegar ao Departamento de Geografia da USP em 1968 tomei conhecimento do famoso artigo do francês Bertrand sobre uma proposta de Géographie Physique Integral e o uso de "Geossistema". Ele era utilizado por Nelson de la Corte na disciplina Organização do Espaço Regional e por Olga Cruz em Geomorfologia Litorânea.

No Congresso Internacional de Geografia de Moscou, em 1976, fiz a excursão à Sibéria e, em Novosibirski conheci o trabalho de Sotchava (que não encontrei pessoalmente) e de volta a São Paulo escrevi àquele geógrafo soviético pedindo-lhe autorização para traduzir o seu artigo sobre O Estudo de Geossistemas e pedindo-lhe outros trabalhos. Recebi uma atenciosa resposta no original russo e com uma cópia em francês, a minha carta escrita em inglês. São coisas deste tipo que eu conservo nos meus arquivos.

Embora, como registrou Tricart, a proposta conceitual e metodológica de Sotchava seja muito confusa, a aplicação prática que é feita pelos geógrafos da equipe de Novosibirski, é muito interessante e clara. Os trabalhos de Snytko e Krauklis são muito proveitosos e eu os explorei satisfatoriamente. Deste último, que passou a enviar-me seus trabalhos, recebi recentemente um volume onde parece sistematizar os seus resultados aplicados à Sibéria. Infelizmente não conheço o idioma russo, mas a julgar pelas ilustrações trata-se de uma notável contribuição.

Como vocês mesmo perceberam houve uma convergência -

partindo de anseios variados, em vários países - para esta nova abordagem em Geografia Física. A meu ver ela é uma retomada de um esforço que sempre esteve presente na escola alemã de Geografia. De Troel a Klink. Há uma contribuição muito interessante originária da Universidade Martinho Lutero no Halle-Wiltemberg. Recebi do colega Schöenfelder os dois volumes do Simpósio "Landscape Synthesis" que dão conta dos últimos progressos naquele setor.

A adoção do paradigma do geossistema foi para mim tão importante quanto aquele do ritmo climático a partir da proposta de Sorre. Contudo, se eu trabalhei muito sob este segundo e nele desenvolvi uma estratégia pessoal de pesquisa escrevendo vários trabalhos, o primeiro não se encontra demonstrado em obra escrita.

O paradigma do "geossistema" foi, para mim, de grande proveito em dois setores. De um lado ele contém méritos altamente didáticos que foram sobejamente explorados em sala de aula. Aqui mesmo, ao ministrar a disciplina "Análise da Qualidade Ambiental" fiz uso dele. Não sei se o meu esforço frutificou. Malgrado meus esforços ele parece ainda correr o risco de confundir-se (sem razão) com o "ecossistema" dos biólogos. Seu conceito e uso, com perspectiva crítica, está longe de ser a receita-panaceia que alguns esperam. Ele deve ser visto, como paradigma, que é como conceito e referencial teórico - a aprimorar e aperfeiçoar pelo uso e crítica - e não como fato concreto a ser identificado no campo. É um meio de caracterização de paisagens ou unidades ambientais, tanto quanto possível, homogêneas.

Saído da sala de aula, esta concepção me foi sobremodo útil na aplicação prática ao planejamento. E eu o utilizei com grande proveito, em algumas ocasiões. No caso, da implantação urbana da Barcarena, no Pará, em companhia da colega e amiga Teresa Cardoso da Silva, na equipe do arquiteto Joaquim Guedes, talvez possa apontar um dos melhores exemplos. Com alunos de iniciação científica na USP, produzimos uma análise da qualidade ambiental na re-

gião de Ribeirão Preto, que representou um grande progresso em termos de avaliação crítica dos resultados dessa aplicação metodológica.

Como se vê, não poderia tratar-se neste caso, de uma "despedida" para "passar o bastão" aos outros que continuam. Mas, tenho um copioso acervo de experiências variadas e material gráfico. No último curso ministrado na pós-graduação (Mestrado em Geografia) em Belo Horizonte, aproveitei para desenhar uma série de ilustrações que foi bem acolhida pelos alunos.

Talvez eu possa - se houver tempo livre e julgar de alguma serventia - elaborar em torno desse material, aquilo que os franceses chamam de "mise-au-point". Se ficar conciso poderá dar um artigo. Mas o número de ilustrações talvez venham a torná-lo num opúsculo. Quem sabe? Talvez eu o realize.

GEOSUL - O que o impede de fazê-lo agora? Quais são os seus planos imediatos?

CAFM - Para os planos de trabalho que alimento talvez eu precisasse de muito mais anos do que eu possa dispor. Estudar. Escrever. Há muita coisa em cogitação. Mas no momento a prioridade número um é fazer uma longa viagem ao Piauí. Voltar às raízes, rever lugares, conhecer outros. Dalí saí aos dezoito anos e não posso dizer que conheça a minha terra. Pelo menos o quanto eu gostaria. Voltar com o coração aberto para matar saudades e exorcisar fantasmas. Tentar associar minha prática adulta na Geografia com o sentimento que me ficou da infância e adolescência. A busca do espaço perdido. O espaço do coração. Da terra natal: o Heimatland dos alemães. O tempo, este não deve ter sido perdido. Só me arrependo do que não pude fazer. Malgrado todas as agruras e dificuldades eu sinto que o tenho aproveitado ao máximo de minhas possibilidades. Não lamento um tempo que não foi perdido. Procuro reencontrar um espaço precioso do qual fui privado.